

CB
8/11/98
88

Brasília, domingo, 8 de novembro de 1998

POVOADO DA CIDADE OCIDENTAL TEM 3 MIL NEGROS E DUAS HISTÓRIAS ORIGINÁRIAS DA ESCRAVATURA

MESQUITA

UM QUILOMBO NO PLANALTO CENTRAL

"Tamos recenseados no livro do recenseador, / Já saiu os empregados pra correr os moradores / Isto é ordem de Getúlio, foi ele foi quem mandou / Ele quer saber de tudo, lá no Rio de Janeiro / Parece ser caçoada as perguntas que ele faz / Contam tudo direitinho, a gente não é capaz / A gente tem que dar conta, do que já passou pra trás / Nós podemos esperar, que os imposto aumenta mais"

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

As três escravas que ganharam 600 alqueires de terras de sua sinhazinha, onde hoje é a Cidade Ocidental, provavelmente não usufruíram de sua riqueza. Estavam acostumadas demais ao domínio, para viver tão livremente. Mas deixaram a herança do quilombo, um povoado que hoje é habitado por quase 3 mil negros.

O Velho Dito Nonato tem 83 anos e conta essa história. Um velho sabido - ou, como ele prefere dizer, *desenvolvido* - olha desconfiado os visitantes que chegam ao Mesquita. O lugar é bonito, cheio de mato, na área rural da Cidade Ocidental, em Goiás.

Seu Dito chama-se Benedito Antônio. Nasceu e foi criado no Mesquita. Ele diz que as três negras ganharam um quinhãozinho que, na época, valia 60 mil réis. E pode ter sido aí a origem das famílias que moram no lugar. Mas nada está provado. "Os Magalhães moravam aqui há muito tempo. Aí chegaram os Pereira Braga. Casaram e se misturaram. Os antigos falavam, a gente ficava escutando, curioso."

São histórias que o povo conta. E que o historiador goiano Gelmires Reis deixou escritas. Em seus estudos, ele levanta a hipótese de que o lugar realmente tenha sido um quilombo. Mas oferece uma versão diferente daquela contada por seu Dito. Reis diz que a terra possivelmente foi doada a escravos alforriados por um português chamado Mesquita.

É possível, pois, em seus livros, o próprio Gelmires Reis afirma que em 1763 Luziânia tinha 16 mil habitantes e quase 13 mil eram escravos. Os negros trabalhavam, forçados, na mineração. A Cidade Ocidental fazia parte do município e foi emancipada apenas em 1991.

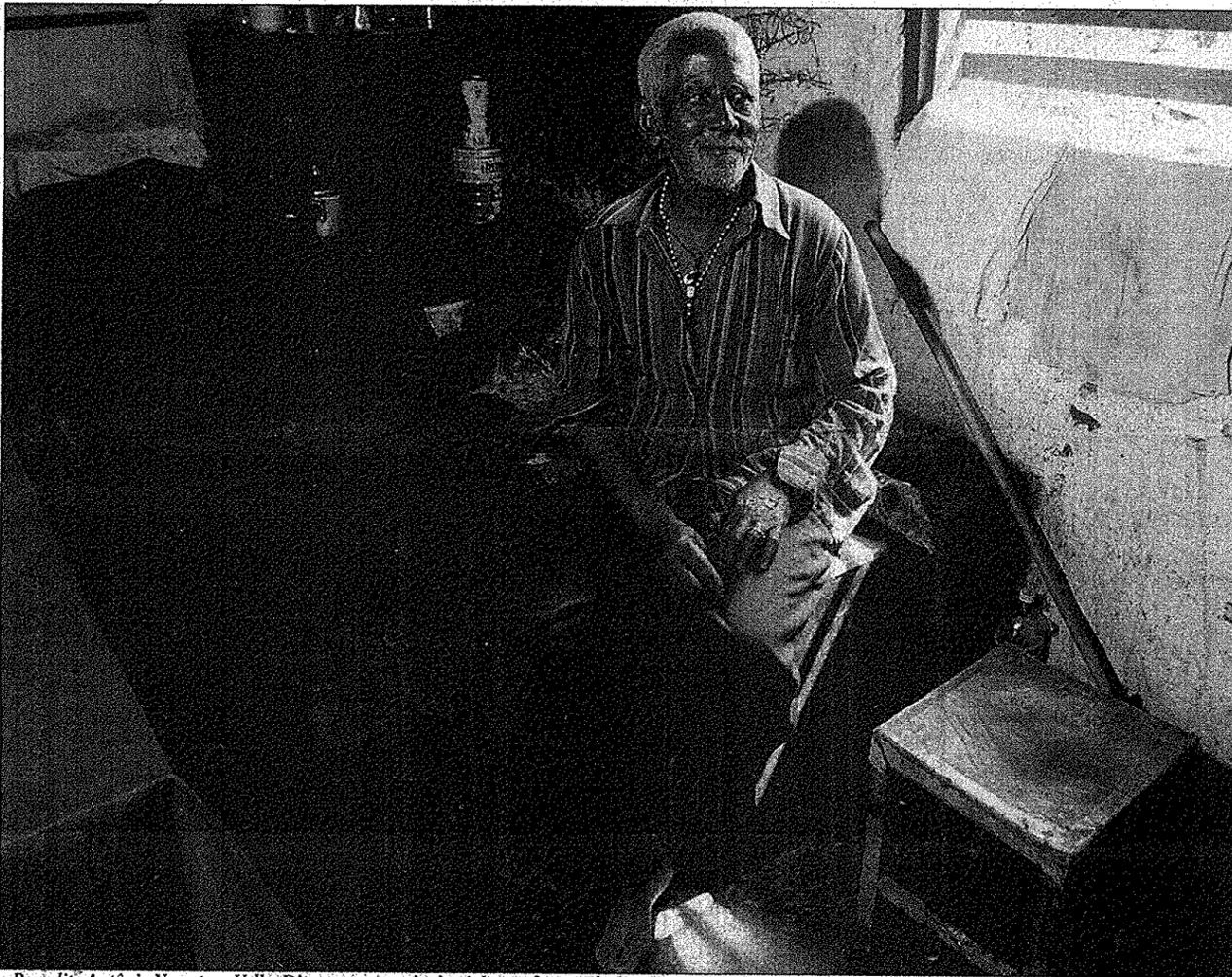
Seu Dito diz que o Mesquita é habitado por uma família só. Ele conta que há dez anos não passavam de 300 pessoas. O povoado cresceu até quase 3 mil habitantes.

Muita gente de outras cidades se casou com os negros e foi morar lá. Também nasceram os filhos da união entre primos e primas de primeiro, segundo e terceiro graus.

O Velho Dito Nonato é tido como o morador mais antigo do lugar. Ele animava as festas com moda de viola, que cantava junto com o companheiro Nundes Alves. As reuniões às vezes tinham só oito a dez pessoas, que batiam palmas e sapateavam. Era o ano de 1939.

As tradições do Mesquita eram a moagem da cana-de-açúcar e o doce de marmelo. "As usinas ronçavam de madrugada, que nem guariba", um bicho do mato que seu Dito diz que "parece" macaco.

Anderson Schneider



Benedito Antônio Nonato, o Velho Dito, tocava moda de viola nas festas. Ele diz que os moradores do lugar são todos de uma família só, que se multiplicou

"Era moendo e fazendo açúcar."

O DIAMANTE FUGIU

Dominga das Neves de Paula é a mulher mais velha do povoado. Na certidão de nascimento, tem 93 anos. "Nem sei a quantidade de minha idade, mas é muita. Naquele tempo, não se importavam de registrar a gente. Tenho mais um pouco do que esta idade", diz, referindo-se a seus documentos.

A mulher conta que, quando moça, fazia tecidos, confeccionados com algodão que colhia nas lavouras do Mesquita. "Pano de roupa pra vestir, coberta pra colchão. Neste tempo, era tudo muito atrasado. Eu fiava a linha e da linha eu fazia os panos."

A memória de Dominga está fraca, por causa da idade. Ela diz que se lembra de alguma coisa sobre a história das terras dos escravos. "Ouvi falar, mas não fiquei sabendo direito. A minha cabeça não está prestando mais pra nada", reclama a negra velha. Mas não esquece o dia em que achou um diamante, *grandão*, quando capinava. "Não sabia que pedra era. Achei bonita e guardei. Só que não sabia e não batizei a pedra. Então, ela fugiu."

A filha de Dominga, Terezinha de Jesus, 57, diz que o diamante precisa ser batizado quando é encontrado. "A gente põe na bota ou faz um furinho na pele e deixa cair um pouquinho de sangue na pedra. Se não for batizado, o diamante vai embora. Some", explica.

MIL LITROS DE CACHAÇA

Da cana-de-açúcar, Severiano Pereira Braga, primo de seu Dito,

fabrica quase mil litros de cachaça por mês. E bebe, religiosamente, um litro por dia. Pelo menos um. Aos 82 anos, começa a degustar a pinga saída de seu alambique às 5h. Da manhã. E só pára quando termina de trabalhar, de segunda a segunda-feira, às 19h. Hora da janta.

Seu Severo bebe quase religiosamente mesmo. Acostumado com a cachaça, não fica bêbado. A fala e os olhos não dão o menor sinal do hábito, que começou aos 16 anos,

com um porre fenomenal por causa de dois dedinhos da bandida. "Mas só bebo desta. Se tomar pinga feita com química, me dá dor de estômago, uma queimação."

Severo não mora no quilombo. Sua fazendinha também fica na área rural da Ocidental e foi herança. O pai dele dividiu a terra com os quatro filhos de seu primeiro casamento e continuou morando com a nova mulher, no Mesquita. "Quando vovô chegou lá, era tem-

po dos escravos. Não tenho noção de quando foi isto, mas o Mesquita era lugar de mato, não tinha quase habitação."

Ele conta que bebe, mas nunca fumou. Bem que tentou, quando tinha 12 anos. Mas levou uma surra do pai e nunca mais botou um

cigarro na boca. "Se fumasse, já teria morrido. A pinga é remédio. E naquele tempo a gente comia comida forte. Toucinho de porco cozido no feijão."

Seu Severo diz que a gordura não fazia mal. "Os animais não tomavam injeção. As plantas não tinham inseticida. A água não tinha cloro. Os animais comiam capim bruto, tudo sadio. Não comiam ração, que corre no sangue do gado e vai pro leite que as crianças tomam."

PESQUISANDO O PASSADO

A neta do Velho Dito Nonato está estudando a história do Mesquita. Viviane Pereira de Assis, 15 anos, fez uma pesquisa com as colegas Fabiana Braga Macedo, 18, e Marina Dutra da Costa, 17. Elas frequentam a escola municipal Aleixo Pereira Braga I. São todas da mesma família. Primas em graus diferentes de parentesco.

O trabalho foi idéia de uma das dez professoras que dão aulas no lugar. Porque, em todas as festas religiosas dos meses de janeiro e agosto, as crianças faltavam muito às aulas, para participar dos preparativos.

"Só uma das professoras da escola mora aqui mesmo. Nós não conhecíamos a história do povoado. A professora sugeriu a pesquisa, para entender as faltas, mas o trabalho cresceu e nos surpreendeu", diz a coordenadora pedagógica da escola, Aida Botelho.

As três meninas buscaram informações na Secretaria de Cultura da Cidade Ocidental e foram às casas dos velhos, conversaram com vizinhos, ouviram o povo. "Meu avô, o pai dela, a tia dela, fazem parte dessa história. Gostamos muito do trabalho", diz Fabiana. "Passei a gostar mais daqui", fala Viviane. "Eu me surpreendi com tantas construções antigas que ainda existem nas fazendas", observa Marina.